

2007

**SOLLEMNITAS
SANCTÆ CLARÆ
ASSISIENSIS**

CARTA
DO MINISTRO GERAL
DOS FRADES MENORES
ÀS IRMÃS POBRES
DE SANTA CLARA



*Caríssimas Irmãs,
O Senhor lhes dê a paz!*

Por ocasião da festa de Santa Clara, também neste ano, desejo dirigir-lhes particular saudação e agradecer-lhes a presença na Igreja e no mundo, além da fraterna proximidade que sempre demonstram em relação a mim. Com efeito, sei que sua oração me acompanha neste meu contínuo peregrinar para encontrar-me e animar os Irmãos e as Irmãs que o Senhor me confiou.

Quero, pois, oferecer à sua reflexão alguns pensamentos que nascem da caminhada que nós, Frades, estamos fazendo nestes anos, refletindo sobre a *graça das origens*, em vista da celebração do Centenário de Fundação da Ordem. Espero que possam ser pontos úteis também para sua vida, exatamente por força da profunda unidade de inspiração que nos liga.

Mendicantes de sentido

Vivemos um tempo no qual nos sentimos provocados por muitas perguntas e interrogações que a vida e a história diariamente nos dirigem; são perguntas que nos vêm das pessoas com as quais nos encontramos, das situações históricas e eclesiás que vivemos; mas são também perguntas que nascem do interior de nosso coração e nos estimulam a buscar verdade e clareza em nossa vida. Uma primeira sugestão que lhes ofereço é que não abafem essas perguntas, talvez fugindo delas como de tentações ou provocações negativas: ao contrário, experimentemos considerá-las como estímulos que nos pedem uma nova e renovada autenticidade de vida. Um traço dominante dessas interrogações que a vida nos põe e que nós mesmos nos pomos é o convite a redescobrir o sentido daquilo que fazemos e vivemos: é importante, hoje mais do que nunca, reencontrar o sentido de nossa opção de vida.

Trata-se de uma busca para a qual nos convida o próprio Francisco que, em sua *Oração diante do Crucifixo*, nos inícios de sua aventura, pede ao Senhor “sensibilidade e conhecimento a fim de cumprir seu santo e veraz mandamento”. Podemos perguntar-nos: o que significa “sensibilidade e conhecimento” senão a invocação para ter de Deus uma resposta sobre o sentido da própria vida?

O que nos é pedido é uma reflexão de tipo sapiencial, que procura discernir na concretude da vida os sinais da presença do Senhor. Nos livros sapienciais, a Escritura nos oferece muitos exemplos dessa fiel reflexão, que se interroga sobre o sentido e sobre a qualidade da vida. Para muitos de nós, talvez não fosse

inútil retomar os livros sapienciais, que nos ensinam a fazer-nos perguntas e não só a encontrar respostas, e que nos convidam a uma sábia leitura da vida, na qual perceber os sinais de Deus. E se pensarmos em alguns livros da Escritura, percebemos que propõem uma leitura da vida que, com freqüência, é quase “escandalosa” quando toma a sério as contradições e as dificuldades do viver, mas que, ao mesmo tempo, nos educa para a capacidade de reencontrar sempre o olhar da fé, pois somente sob sua luz é possível encontrar respostas válidas para nossa busca de sentido.

O fato de olharmos para a vida com os olhos da fé levar-nos-á a descobrir que no centro de nossa experiência e de nossa história não estão nossas fidelidades ou infidelidades, nossas buscas e, muito menos, nossas perguntas, mas Sua iniciativa de graça, que sempre nos precede e nos envolve. É a atitude para a qual nos convida Clara, no início de seu *Testamento*: “Entre outros benefícios que temos recebido e ainda recebemos diariamente da generosidade do Pai de toda misericórdia e pelos quais mais temos de agradecer ao glorioso Pai de Cristo, está a nossa vocação. [...] Por isso, queridas Irmãs, devemos considerar os imensos benefícios que Deus nos concedeu, mas, entre outros, aqueles que Ele se dignou realizar em nós através de seu dileto servo, nosso Pai São Francisco, não só depois de nossa conversão, mas também quando estávamos na miserável vaidade do mundo” (*TestC* 2-8).

O convite de Clara está em perfeita sintonia com a atitude de Francisco que, em seu *Testamento* relê igualmente toda a própria experiência com os olhos da fé, e descobre que o verdadeiro protagonista de suas vivências pessoais é sempre o Senhor: “Foi assim que Senhor concedeu a mim, Frei Francisco, começar ... o próprio Senhor conduziu-me entre os leprosos... E depois que o Senhor me deu irmãos... o próprio Altíssimo me revelou que eu devia viver segundo a forma do santo Evangelho...” (*Test 1.2.14*). Como Clara e como Francisco, também nós somos convidados a redescobrir o sentido de nossa vida, olhando-a com os olhos transformados pelo Espírito, olhos que sabem “ver e crer” (cf. *Ad 1,20-21*), reconhecer nos fatos de nossa existência a ação de Deus, sua “santa operação”. Com a agradecida consciência de que a ação do Senhor já está presente e operante: não depende de nossa virtude ou de nossa ascese, mas de sua iniciativa de graça, que sempre nos precede.

A forma de vida

Nessa vontade de voltar para o centro e para o sentido de sua opção de vida, perguntei-me que ajuda po-

demos oferecer-lhes nós, Frades, e em particular eu, sucessor de Francisco no serviço à Fraternidade. Penso não poder fazer nada melhor do que repetir-lhes as palavras de São Francisco, que, movido por paternal afeto, assim lhes escreveu na forma de vida: “Visto que por divina inspiração vos fizestes filhas e servas do altíssimo e sumo Rei, o Pai celeste, e desposastes o Espírito Santo, escolhendo viver segundo a perfeição do santo Evangelho, quero e prometo, por mim e por meus irmãos, ter sempre por vós diligente cuidado e especial solicitude, como tenho por eles” (RSC 6,3-4). A *Forma de vida* as convida a reconhecer-se em íntima relação com as três pessoas divinas: com o Pai, de quem são “filhas e servas”, com o Espírito Santo de quem são “esposas” e com o Filho Jesus, cujo Evangelho querem viver até a perfeição.

As palavras de Francisco provocam e questionam: a que relação com Deus essas expressões as convoram? O significa serem “filhas e servas do Pai”? Qual é a maneira de viver e desenvolver uma verdadeira relação filial com Deus? Mais provocante é a imagem de “esposas do Espírito Santo”, que Francisco lhes atribui. Uma relação com o Espírito é sempre um espaço aberto à imprevisível novidade de Deus: o Espírito é fonte e manancial de vida e novidade, é “Senhor e doa a vida”, é o princípio de todo o carisma e de todo o dom que vem do alto. Se com tal Espírito se instaura uma relacionamento esponsal, com a intimidade fecunda que esse relacionamento conhece, o que poderá nascer? Nada mais do que Cristo, que também vocês são chamadas a *dar à luz*, como todo o fiel, visto que Francisco diz que somos chamadas a nos tornar “esposos, irmãos e mães do Senhor” (1Fi); e Clara, em perfeita sintonia, lembra a Inês de Praga que ela mereceu “ser chamada com quase toda a dignidade de irmã, esposa e mãe do Filho do Pai Altíssimo e da gloriosa Virgem” (1In 24).

Com efeito, a ação do Espírito, de quem são esposas, reconduz a Cristo, a quem o Espírito está sempre ligado, porque “ninguém pode dizer Jesus é Senhor, senão no Espírito Santo” (1Cor 12,3). A vida trinitária, para a qual sua *Forma de vida* convida, com a relação de “filhas e servas” do Pai e com a relação de “esposas”, em referência ao Espírito Santo, encontra sua realização no “viver segundo a perfeição do santo Evangelho”, que expressa a centralidade de Cristo em sua vida.

Clara é mestra ao convidar-nos para esta jubilosa intimidade com Cristo, aquele no qual ela sabe que pode se transformar por meio da contemplação (cf. 3In 12,13) e que constitui o centro de sua vida e de sua experiência: o esposo glorioso, contemplado com amor como “o pobre crucificado”. Toda a ênfase que Clara põe em querer viver a pobreza, que ela destaca

de forma muito mais decidida do que Francisco, explica-se exatamente porque é a pobreza do Senhor e através dela cresce a partilha da vida de Jesus, que escolheu a pobreza neste mundo para si e para sua mãe. A pobreza de Clara não é apenas uma virtude, mas é conformidade a Cristo e ela até parece identificar-se com o próprio Cristo, como quando o espelho da 4ª Carta a Santa Inês de Praga, sobre o qual “refulgem a bem-aventurada pobreza, a santa humildade e a inefável caridade”, a um certo ponto se anima e “do alto do lenho da cruz dirige aos passantes sua voz para que parem a fim de meditar”.

O olhar de Clara reconduz a essa absoluta centralidade de Jesus em sua vida: e me pergunto quanto seja verdadeiro hoje, também para nós, o risco de uma vida “dispersa”, que se perde em mil coisas, talvez belas e boas, mas que corre o risco de perder o primado forte e visível que deve ser dado ao Senhor. Essa visível e explícita centralidade do Senhor é realmente essencial à sua vida; e não só para que seja verdadeiro seu testemunho na Igreja, mas antes para que sua vida seja vivível e verdadeira para vocês mesmas. O forte primado de Deus na vida é, certamente, verdadeiro também para nós Frades e para qualquer forma de vida consagrada; mas creio que em sua forma de vida assume uma urgência particular e significativa.

Para viver fraternalmente em união de espírito e com o voto de altíssima pobreza

O primado de Deus que caracteriza a nossa e a sua opção de vida tem a característica de ser vivido “fraternalmente em união de espírito”. Nós, Frades, temos usado a expressão “santidade em fraternidade” (Sdp 42-45), para dizer que em nossa vocação não nos tornamos santos sozinhos, mas vivendo profundamente nossa vocação fraterna. Enquanto muitas solicitações do passado e talvez também do presente, apontavam e apontam para um ideal de santidade um pouco individualista e isolado demais, descobrimos que a dimensão de irmãos e irmãs faz parte de nossa vocação para a santidade: não nos tornamos santos “apesar” da vida comunitária, mas exatamente através dessa dimensão, que nos abre para Deus no relacionamento com as irmãs e com os irmãos.

Disso também Clara estava muito consciente, pois em seu Testamento assim se dirige às irmãs presentes e futuras: “E amando-vos umas às outras com a caridade de Cristo, demonstrai por fora, por meio das boas obras, o amor que tendes dentro, para que, provocadas

por esse exemplo, as Irmãs cresçam sempre no amor de Deus e na mútua caridade" (*TestC* 59-60). Segundo essas palavras, o amor que une as irmãs é o amor de Cristo: parece que quase não existe distinção entre o amor a Deus e o amor às irmãs. Também para nós, Frades menores, cresceu a consciência desse profundo entrelaçamento entre a vida de fé e a vida fraterna: no último Capítulo geral extraordinário expressamos essa convicção com a proposta da *Metodologia de Emaús*: "reunir-se; falar daquilo que nos aconteceu; partilhar o Evangelho, reler a Regra; rezar e louvar a Deus "por todos os seus dons; celebrar a comunhão fraterna; e voltar para os Frades de nossas Fraternidades, aos nossos irmãos e irmãs do mundo inteiro com a boa nova que transformou nossas vidas" (cf. *Sfc* 39-47). Trata-se de uma proposta que, com as devidas variantes, creio ser útil também para vocês.

A partilha na fé poderá ajudar realmente nossas comunidades a redescobrir que em nosso relacionamento com Deus entram também os irmãos e as irmãs, sobretudo os de nossa comunidade: para nós, como para

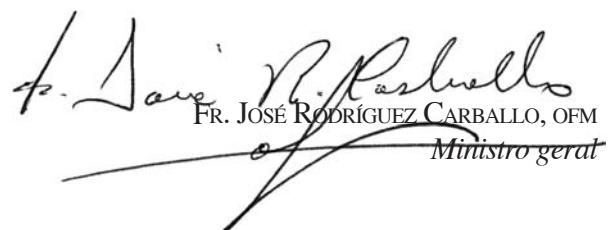
Francisco, é verdade que quando o Senhor nos deu irmãos ou irmãs, depois de uma inicial hesitação, foi o próprio Altíssimo que nos revelou que devíamos viver segundo a forma do santo Evangelho (cf. *Test* 14). Uma revelação tão importante e fundamental, talvez, não teria sido possível para nós, como para Francisco, sem o dom dos irmãos e das irmãs.

Agradecemos a Deus por esse dom, que nos revela o caminho do Evangelho, o caminho que a vocês, Irmãs, permite viver plenamente sua forma de vida, pela qual vocês "escolheram viver segundo a perfeição do santo Evangelho".

E enquanto também eu, como Francisco, "prometo, por mim e por meus irmãos, ter sempre por vocês especial cuidado e solicitude" (*FV* 2), confio-as ao Senhor com as mesmas palavras de Clara: "Amem sempre suas almas e as de todas as suas Irmãs, e sejam sempre solícitos na observância do que prometeram a Deus. O Senhor esteja sempre com vocês e oxalá estejam vocês também sempre com Ele. Amém" (*BnC* 14-16).

Roma, 11 de agosto de 2007
Festa de Santa Clara

Seu irmão e servo


Fr. JOSÉ RODRÍGUEZ CARBALLO, OFM
Ministro geral



Prot. 098096